

## Como se sente algo quando não existe uma palavra para aquilo? Reflexões sobre o Pesar no Brasil - Ensino, Enfermagem e Pesquisa

Nancy J Moules<sup>1</sup>

*Meu primeiro encontro com o Brasil ocorreu durante uma semana como convidada, palestrando para os graduandos, graduados, e corpo docente da Escola de Enfermagem da Universidade de São Paulo. A oportunidade de apresentar minha pesquisa relacionada ao pesar<sup>(a)</sup>, consternação e enfermagem familiar foi um privilégio, já que tive um primeiro olhar sobre a beleza e a contradição que é o Brasil.*

*Eu sempre mantive a opinião que o pesar é um fenômeno universal, que cruza culturas e locais. É uma condição humana em que, porque temos a capacidade de amar e se apegar, é, infelizmente, inescapável em nossas vidas. Em minhas discussões com a professora Bousso e seus alunos, eu descobri que, em português, não há palavra equivalente para grief. Esta lacuna linguística para nomear e dar significado a algo é uma condição interessante. O pesar é algo difícil de definir e articular. É algo que escapa de ser simplesmente uma emoção, atividade, ou experiência. É físico, emocional, social, relacional, espiritual, psicológico, cognitivo e comportamental. Em nossos melhores esforços para definir o pesar em nossa pesquisa, nós ficamos apenas com metáforas que tentaram, de alguma maneira, representar e carregar a complexidade deste. Por exemplo, alguns autores<sup>(1)</sup> sugeriram a metáfora de um hóspede que chega sem convite, se infiltrando em todos os aspectos das vidas, famílias, relacionamentos, e saúde. Em sua infiltração insidiosa, o pesar tem o potencial de tomar controle de vidas e relacionamentos, e quanto maior o esforço feito para expulsá-lo, mais intrusivo ele se torna.*

*Se, entretanto, é aberto espaço para esse hóspede, sua presença se torna esperada às vezes, suas idas e vindas não surpreendem, suas intrusões são antecipadas. Com o tempo, sua presença até mesmo se torna bem-vinda, como algo familiar... sua própria ausência e presença servem para manter uma relação mutável, evolvente, às vezes intermitente, mas que dura a vida inteira, com a perda<sup>(1)</sup>.*

*A tendência de descrever ou procurar palavras para definir o pesar parece não estar limitada à experiência da perda em si, mas mesmo na traição das palavras ao se tentar articular o que nós, como profissionais da saúde, fazemos para sermos terapêuticamente prestativos ao consternado. Em entrevistas de pesquisa com terapeutas de luto, nós encontramos este esforço para achar uma linguagem que capture o trabalho que eles fizeram<sup>(2)</sup>. Este mistério da condição humana que se localiza na perda nos lembra de que a linguagem, em toda a sua certeza, não é sempre suficiente para capturar a natureza intermediária do pesar.*

*O pesar é algo que se encontra no intermédio, nos lembrando de que a coisa – a vida em toda a sua complexidade – nunca é claramente isto ou aquilo. O Pesar é universal e individual; benigno e maligno; revigorante e extenuante; ativo e passivo; interno e externo; um estado e um processo, coração e cabeça; inarticulado e poético; celebração e luto<sup>(2)</sup>.*

*Talvez seja profundo o fato de que não haja palavra em português para grief. Talvez nossos esforços para nomear e definir tal evento do sofrimento humano, tão inarticulado, é demonstrativo de uma das formas com as quais nós evoluímos uma cultura de teorias e discursos em torno do pesar que complicam, senão intensificam, o sofrimento que ocorre no pesar. Se nós acreditarmos que o pesar é apenas algo para se resolver ou passar por cima; se acreditarmos que o pesar é apenas sobre esquecer e dizer adeus para nossos amados; se acreditarmos que o pesar é sentido da mesma forma por todos em qualquer época; se acreditarmos que sentir-se consternado com o tempo, é sintomático de doença ou alguma forma de patologia – então estamos no perigo de cair na armadilha teórica que nos convence de que reações humanas são previsíveis e controláveis, até nomeáveis. No Brasil, enquanto eu ouvia o corpo docente, graduandos e pós-graduandos, eu fiquei tocada com a sensibilidade que eles têm diante do reconhecimento de que o pesar não é algo para ser tratado, mas sim algo que requer um cuidado, uma atenção. Requer um cuidar das feridas<sup>(2)</sup>, e uma atenção para criar local e espaço para ele ser experimentado, respeitado, e honrado.*

*A professora Bousso, que é membro do mais prestigioso grupo de colegas estudiosos do luto no mundo, O Grupo de Estudos Internacional sobre Morte, Morrer e Consternação (IWG), e diretora fundadora do NIPPEL, um grupo de trabalho focado na consternação, sugere que, ainda que não haja palavra para grief, não há escassez de consternação no Brasil. Ela está ciente, também, de que há influências culturais que afetam como a consternação é incorporada e realizada. Uma dessas influências, ela aponta, é que, numa cidade de 15 milhões de habitantes, há pouco espaço para o pesar, ou rituais e práticas de luto e consternação. Enquanto, em minha cultura, uma morte geralmente envolve a presença física de familiares e amigos, uma reunião que pode continuar por bem mais tempo, após o funeral. Após o funeral, é comum que grandes grupos de indivíduos se reúnam na casa de alguém para dar apoio e fazerem o luto juntos, marcando, assim uma experiência conjunta da morte. Semelhante aos velórios típicos irlandeses, algumas culturas no Canadá marcam esses eventos com uma sensação comunal e dividida de perda, dor, apoio e mesmo celebração pela vida do falecido. A professora Bousso aponta a impossibilidade logística deste tipo de reunião. Não há espaço físico suficiente como casas grandes o suficiente, salões paroquiais e de*

<sup>1</sup> Professora Associada da Nursing University of Calgary, Calgary, Alberta, Canadá. njmoules@ucalgary.ca

<sup>(a)</sup> N.T.: No decorrer do texto, será utilizada a tradução pesar para grief. No caso, deve-se entender que a autora quis dizer que, em sua opinião, não há em português uma palavra que englobe a totalidade do conceito de grief.

igrejas, ou outros estabelecimentos aonde as reuniões poderiam se realizar. Por outro lado, entretanto, ela diz que na cultura brasileira também há uma hesitação para se falar em morte, perda, e consternação. Eu fiquei surpresa com essa sugestão, dado como o povo brasileiro, em meu breve encontro, mostrou uma franqueza gentil e uma cordialidade envolvente. Em resumo, eu fiquei fascinada por essa noção, e eu aguardo ansiosamente por realizarmos pesquisas futuras em áreas de como a cultura define e molda a natureza humana da perda e consternação.

Mesmo com as possíveis diferenças culturais, já que eu falei para um grupo de graduandos, pós-graduandos e professores em inglês traduzido, eu vi o brilho de algo que ultrapassa e transcende cultura e localização física no mundo. Houve lágrimas, acenos de cabeça, sorrisos e conexão que estava logo atrás do olhar enquanto eles me abraçavam, às minhas ideias, minhas implicações de como, nós como enfermeiras e outros profissionais da saúde, podemos ser mais prestativos para aqueles que estão presentes quando um ente querido está morrendo, ouvindo um diagnóstico terminal, ou vivendo o momento imediato à perda da presença física de alguém que ainda está profundamente presente nas vidas daqueles deixados para trás. Eu senti uma sinergia com meus colegas do Brasil, uma paixão pelo trabalho que nós realizamos em torno desse evento humano inevitável que é a perda, um poderoso senso de comprometimento, e uma compreensão da pesquisa que me dá esperança pelas formas pelas quais nós podemos fazer uma diferença para aqueles sofrendo com pesar, e a inevitabilidade do nosso próprio sofrimento.

No Brasil, eu encontrei a justaposição de extrema pobreza e extrema riqueza vivendo lado a lado. Enquanto eu era alertada do perigo e violência, e eu vi pobreza e desespero, uma favela incendiada, e crianças esmolando, eu também experimentei graça, compaixão, comprometimento, e amor. Talvez o Brasil saiba algo sobre as contradições do pesar – sua terrível e graciosa habilidade de viver no intermédio do prazer e da dor, lembrando e esquecendo, riqueza e perda. Eu sei que o Brasil e seu povo me deram algo que enriqueceu a minha vida para sempre e que eu nunca esquecerei. Talvez eu não tenha palavra ou palavras para descrever minha experiência lá, mas eu certamente a senti.

## Referências

1. Moules NJ, Simonson K, Prins M, Angus P, Bell JM. Making room for grief: walking backwards and living forward. J Fam Nurs. 2004;11(2):99-107.
2. Moules NJ, Simonson K, Fleiszer AR, Prins M, Glasgow B. The soul of sorrow work: grief and therapeutic interventions with families. J Fam Nurs. 2007;13(1):117-41.